

A UNÇÃO DOS ENFERMOS EM TIAGO E SUA CONTEMPORANEIDADE

Luciano Azambuja Betim¹

RESUMO

Este artigo visa discutir a temática da unção com óleo conforme recomendada por Tiago em sua carta. Estaria essa prática limitada apenas à era apostólica ou ainda é válida para a igreja contemporânea? Intimamente relacionado a esse rito, surgem outras questões como, por exemplo: os oficiantes da unção, bem como os receptores e por fim os resultados. O texto interage em autores como Martinho Lutero, João Calvino, Antony Hoekema, Simon Kistemaker, e documentos oficiais das Igrejas Batistas e Presbiterianas. Considera-se válida a prática para a igreja contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Cura. Doentes. Presbíteros. Unção com óleo.

ABSTRACT

This article aims to discuss the issue of anointing with oil as recommended by James in his letter. Would this practice be limited only to the Apostolic Age or is it still valid to the Contemporary church? Closely related to this ritual, other matters arise such as the officiators of the anointing, the receptors as well as the results. The text interacts with authors as Martin Luther, John Calvin, Antony Hoekema, Simon Kistemaker and official documents of the Baptist and Presbyterian Churches. The practice of the anointing is considered valid to the Contemporary church.

KEYWORDS

Healing. Infirm. Elders. Anointing with Oil.

1 Mestrando em Teologia pela PUCPR; Pós-graduando em Estudos Teológicos (dogmática reformada), pelo Centro Presbiteriano de pós-graduação Andrew Jumper (Universidade Presbiteriana Mackenzie); Pós-graduado em Teologia Aplicada do Novo Testamento, pela Faculdade Batista do Paraná; Graduado em Teologia na Faculdade Evangélica do Paraná (Fepar); Presbítero da Igreja Presbiteriana do Brasil; email: lucianobetim@outlook.com.br

1 INTRODUÇÃO

Conforme o relato encontrado em Tiago 5.13-17, a unção dos enfermos é um recurso intimamente relacionado com oração da fé. O cenário proposto evidencia alguém vivendo uma condição de saúde precária, na qual configura-se a necessidade da presença dos líderes da comunidade local. Um ato pastoral em favor do enfermo. Trata-se de uma abordagem prática, tendo em vista uma ação pastoral em prol do enfermo. Diz o texto de Tiago na íntegra:

Entre vocês há alguém que está sofrendo? Que ele ore. Há alguém que se sente feliz? Que ele cante louvores. Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor. E a oração feita com fé curará o doente; o Senhor o levantará. E se houver cometido pecados, ele será perdoado. Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz. Portanto, confessem os seus pecados uns aos outros e orem uns pelos outros para serem curados. A oração de um justo é poderosa e eficaz (Tiago 5.13-17–NVI).

O problema central gira em torno da pergunta: A unção dos enfermos é uma prática atual ou foi restrita apenas aos tempos apostólicos? Em outras palavras: Na atualidade, devem ou não os enfermos receber a unção com óleo acompanhada da oração? A pesquisa mostrará alguns assinalando de modo positivo, outros de modo negativo. Há ainda outros fatores como o uso indiscriminado da unção em objetos, roupas e carros, por parte de alguns setores do cristianismo.

Nesse sentido, o objetivo geral deste artigo consiste em comprovar que a prática da unção com óleo juntamente com a oração é uma ação válida para a igreja contemporânea. Entre os objetivos específicos, pretende-se demonstrar quem são os ministrantes da unção com óleo, bem como seus receptores e quais são os resultados dessa intervenção pastoral.

A metodologia adotada consiste na revisão de literatura disponível. A pesquisa interage com textos de Lutero, Calvino, Grudem, Hoekema, Moo, Lopes, Kistemaker, Shedd e outros, bem como nas decisões recentes formuladas nas decisões do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, e no Manual de Identidade, publicado pela Convenção Batista Paranaense. Como versão bíblica padrão, será utilizada a Nova Versão Internacional (NVI).

Em primeiro lugar, far-se-á uma análise exegética do significado da expressão “ungir” com base na língua grega. Em segundo lugar, buscar-se-á comprovar através

de argumentos em diversos biblistas a continuidade da unção com óleo para a igreja atual. Em terceiro lugar, procurar-se-á descobrir quem são os ministrantes da unção, bem como seus receptores. E em último lugar, serão apresentados os resultados da unção com óleo em termos práticos na vida da pessoa enferma e da comunidade como um todo.

2 O SENTIDO TEOLÓGICO DA UNÇÃO COM ÓLEO EM TIAGO

Alguns teólogos discutem sobre o sentido em que a palavra “óleo” é utilizada em Tiago. O texto bíblico recomenda: “Entre vocês há alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor” (Tg 5.14) A questão trata-se de compreender se vocábulo deve ser entendido de modo medicinal ou simbólico. A resposta depende do significado dos termos originais utilizadas por Tiago.

Duas palavras traduzidas a partir do Novo Testamento grego: A primeira delas é chamada *aleipho* (aleifw), tratando-se de unção de qualquer tipo, significando algo mais secular em seu uso (UNGER, 2002). A segunda palavra é *chriō* (criw) apontando mais para uma unção com fins sagrados (UNGER, 2002). A palavra utilizada no texto em questão é *aleipho*. Na opinião de Douglas Moo (2011), a escolha de *aleipho* por parte de Tiago, deu-se pelo fato de melhor representar o ato físico de unguir. O argumento do autor acima ressalta que embora esse ato seja físico, o sentido teológico é de uma unção em termos espirituais.

Youngblood, no dicionário ilustrado da Bíblia, aponta que o óleo era utilizado na antiguidade para diversos fins, entre eles servir de combustível e também como elemento nas unções sagradas (YOUNGBLOOD, 2004). Seu uso, portanto, era tanto secular quanto religioso. Por outro lado, Kistemaker (2006) observa, que o azeite era amplamente empregado com fins medicinais (Lc 10.34), e que esse é o sentido na presente passagem. Essa é também a opinião de Hoekema (1997), ao entender que “Tiago está dizendo que o ministério da igreja, quanto aos enfermos, inclui o melhor tratamento médico que possa ser achado”. Essa interpretação não é aceita por muitos estudiosos.

Por exemplo, Calvino (2015), argumentou que o ato de unguir o enfermo foi utilizado na igreja primitiva como de modo simbólico e não medicinal. Também, Shedd (2010, p.170) entende que “[...] aqui não há qualquer indicação de que o óleo

seria usado como remédio”. Essa é também a opinião de Augustos Nicodemus Lopes (2006), ponderando que é mais correto entender essa unção como símbolo da ação curadora do Espírito Santo. Esse entendimento leva em consideração uma unção mais no sentido espiritual.

Com base nas interpretações acima, é fato que muitos tenham relacionado o óleo utilizado na unção como um remédio, ou seja, com sentido medicinal. Em tempos recentes, porém, a unção como um símbolo do poder restaurador de Deus juntamente com a oração, tem desfrutado de uma maior aceitação. Isso tem acarretado na prática pastoral válida na contemporaneidade.

3 A UNÇÃO COM ÓLEO E SUA CONTEMPORANEIDADE

Uma das discussões relacionadas à exercício da unção com óleo, diz respeito a sua contemporaneidade ou não. Colocando o problema de outro modo: a unção com óleo era uma prática restrita aos tempos dos apóstolos ou deve ser praticada por toda a era da igreja? Algumas igrejas e estudiosos da fé cristã dentro das mais variadas tradições reagirão com um não, outros dirão sim.

Historicamente a Igreja Católica apostólica Romana tem entendido a unção dos enfermos como um sacramento. Essa doutrina foi reafirmada no concílio de Trento (GALVIN & FIORENZA, 2007). Tal crença da unção como sacramento na teologia Católico-romana, tem como fundamento a passagem de Tiago citada acima (SCHÖKEL, 2002). Os reformadores, olhando para a Bíblia, reagiram de modo contrário, não aceitando essa interpretação.

Por questão de espaço, este artigo discutirá o tema a partir da perspectiva dos reformadores Lutero e Calvino, e em autores posteriores à reforma. Por exemplo, Martinho Lutero (1988, p.420) entendeu que “[...] tratava-se de um certo rito na igreja primitiva, pelo qual se faziam milagres entre os enfermos [...] desapareceu há muito [...]. A tradição Luterana, nesse sentido, vê como um dom temporário, restrito aos primeiros anos da igreja.

Na tradição reformada, representada pelas igrejas Presbiterianas, a opinião foi semelhante:

[...] esta passagem é perversa e ignorantemente pervertida, quando por meio dela se institui a extrema unção e a denominam de sacramento a ser perpetuamente observado pela igreja [...] E assim não discutimos se a unção uma vez foi sacramento, mas se ela foi perpétua. Negamos isto, porque evidentemente que a coisa significada há muito tempo cessou (CALVINO, 2015, p.122).

Por outro lado, alguns teólogos de tradição reformada têm afirmado sua contemporaneidade. Moo (2011) entende ser duvidoso que a unção dos enfermos tenha sido apenas para a era apostólica, haja vista que Tiago menciona os oficiais regulares da igreja e não os apóstolos. Grudem (1999), além de defender sua atualidade, classifica-o até mesmo como um meio de graça. Do mesmo modo, Lopes (2006), argumenta que não vê dificuldade ou objeção alguma em aplicar a unção com óleo na atualidade. Há de certo modo, um rompimento com o pensamento de Lutero e Calvino.

A Igreja Presbiteriana do Brasil, recentemente em reunião do Supremo Concílio, aprovou a unção com óleo com certas restrições, as quais serão apresentadas na sequência deste texto (ATA, 2014). E a convenção Batista Paranaense declara não ser uma prática comum em seu meio, de modo que haja esclarecimento caso venha ser praticada (MANUAL, 2013). Nesse sentido, a solução diante de uma eventual necessidade pastoral por meio desse rito, não consiste na negação da prática, e sim redescoberta de seu uso fundamentado no ensino de Tiago.

4 MINISTRANTES E RECEPTORES DA UNÇÃO COM ÓLEO

Quem deve ou pode receber o óleo da unção acompanhado da oração? Tiago diz: “Há entre vocês alguém que está doente? Que ele mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo” (Tiago 5.14). Nota-se que pessoas enfermas devem ser unguidas. Nada é mencionado sobre unção de objetos ou outros elementos. Isso deveria ser analisado com mais cuidado por aqueles grupos que praticam a unção de modo descomedido.

Astheneo (ἀσθενεῖ) é a palavra traduzida por “doente” em Tiago. O léxico do Novo Testamento, aponta que o termo pode ser traduzido como doença, cansaço ou enfraquecimento (UNGER, 2002). Pode, nesse sentido, envolver uma doença física, espiritual ou até mesmo emocional. De fato, como observa Hoekema (1997), a narrativa mostra alguém muito doente e que não pode deslocar-se até a igreja, exigindo dessa forma a presença pastoral dos Presbíteros.

Um comentarista bíblico aprofunda a discussão:

Trata-se de algum tipo de doença física, ou seja, o corpo da pessoa está enfraquecido por um mal interno ou externo e precisa com urgência de

tratamento médico [...] A própria pessoa que está doente ou outros, a seu pedido, devem chamar os presbíteros da igreja (KISTEMAKER, 2006, pp. 238-239.)

Práticas estranhas têm ocorrido em algumas igrejas. Há algumas abordagens ditas pastorais na atualidade que exigem reflexão. Infelizmente o exercício da unção com óleo tem sido utilizado de modo contrário ao ensino bíblico. Determinadas comunidades e líderes, exageraram, indo além do ensino bíblico. Em algumas delas, há uma desenfreada unção de roupas, casas e carros:

Considerando, contudo os abusos cometidos pela igreja católica e pelas igrejas neopentecostais, pastores e presbíteros deveriam cuidar para não incorrer nos mesmos erros [...] não adotar práticas espúrias, supersticiosas e humanas no ministério pastoral, que acabam por corromper a fé dos crentes (LOPES, 2006, p.176).

De modo a prevenir e evitar esse tipo de atitude, a igreja Presbiteriana do Brasil, em decisão conciliar no ano de 2014, recomendou a unção com óleo apenas para pessoas enfermas, e a pedido das mesmas, reiterando também que jamais seja aplicada em objetos (ATA, 2014). O intuito de tal orientação tem por objetivo evitar que haja banalização no exercício da unção dos enfermos. O uso desordenado em nada contribui para o amadurecimento e consolo do enfermo.

Outra questão aparece no texto de Tiago. Quem deve ou pode ministrar a unção? Ele recomenda: “[...] mande chamar os presbíteros da igreja, para que estes orem sobre ele e o unjam com óleo, em nome do Senhor” (Tg 5.14-NVI). Em outros textos, os presbíteros têm responsabilidade pastorais nas comunidades:

Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês, e o faço na qualidade de presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, como alguém que participará da glória a ser revelada: Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer (1 Pe 5.1,2).

Na opinião de Lutero (1988), os presbíteros são os anciãos, os quais devido sua experiência dirigiam as congregações. Calvino (2015) incluiu todos aqueles que de algum modo presidiam as igrejas, identificando-os como presbíteros, pastores e outros líderes. No entendimento de Wayne Grudem (1999), há um padrão apontando que em cada igreja do Novo Testamento havia uma pluralidade de Presbíteros. Ou seja, são apontamentos indicados os líderes da comunidade local.

No contexto da Igreja Presbiteriana do Brasil, em decisão tomada em concílio, há uma recomendação aos Presbitérios e conselhos de igrejas locais, no sentido de que apenas os oficiais ordenados (Presbíteros docentes e regentes) deverão realizar

o ato da unção (ATA, 2014). Esse é o mesmo entendimento da convenção Batista Paranaense, ao afirmar que “[...] não se encontra nenhuma abertura para a prática indiscriminada da unção com óleo por todo e qualquer cristão (MANUAL, 2013, p.12). Ambas as decisões, procuram evitar o exercício não autorizado e a prática de pessoas levando para casa supostos óleos “ungidos”, utilizando-os a seu bel prazer.

5 RESULTADOS DA UNÇÃO COM ÓLEO

Se a recomendação de Tiago é válida para a igreja contemporânea, há de se pensar então nos resultados. Wayne Grudem (1999) aponta que a unção dos enfermos funciona como um meio da graça. Há, porém, o esclarecimento de que ungir o enfermo não é garantia de resultado automático, de modo que Deus é poderoso para realizar a cura com ou sem o uso do óleo (KISTEMAKER, 2006). A convenção Batista Paranaense explica que não é o óleo em si que possui o poder de cura e que muitas curas no Novo Testamento foram realizadas sem o uso do mesmo (MANUAL, 2013). Desse modo evitar-se-ão mal-entendidos e misticismos.

É importante também levar em consideração o próprio contexto de Tiago. Ele claramente chama atenção para a fragilidade dos planos humanos diante da soberania de Deus:

Ouçam agora, vocês que dizem: "Hoje ou amanhã iremos para esta ou aquela cidade, passaremos um ano ali, faremos negócios e ganharemos dinheiro". Vocês nem sabem o que lhes acontecerá amanhã! Que é a sua vida? Vocês são como a neblina que aparece por um pouco de tempo e depois se dissipa. Ao invés disso, deveriam dizer: "Se o Senhor quiser, viveremos e faremos isto ou aquilo". (Tiago 4:13-15)

Observando esse contexto, Hoekema (1997) esclarece que ungir e orar com fé, não é uma tentativa de ditar a Deus a obrigatoriedade da cura, mas que essa ação deve estar submissa a sua vontade suprema. Os caminhos e plano de Deus nem sempre são o que a pessoa deseja ou aquilo que os líderes e a comunidade local esperam. Ambos, enfermo e liderança, devem buscar sabedoria: “Se algum de vocês tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá livremente, de boa vontade; e lhe será concedida” (Tg 1.5).

Estaria também, Tiago ponderando sobre restauração da saúde cura física? É certo que sim. Mesmo negando a atualidade em seu tempo, Lutero (1988) fala da expectativa de Tiago no sentido de que a pessoa cure de sua enfermidade, sendo assim restabelecida. Essa é também a opinião Calvino (2015) ao ressaltar a

restauração em termos de saúde do corpo, ou seja, cura física. Ambos os reformadores, mostram-se favoráveis a restauração da saúde.

Um testemunho prático é compartilhado:

[...] A oração da fé sugere que tanto quem ora como o doente receberão uma revelação que transmite a confiança que Deus quer curar o doente [...] Dessa maneira aqueles que oram não ousam prometer que Deus agirá de forma miraculosa sem ter antecipadamente a segurança do plano dele (SHEDD, 2010, p.170).

E a cura espiritual deve ser descartada? Certamente que não. Calvino (2015) deixa em aberto a possibilidade de que a solução para as calamidades inclui também a pessoa ser reconciliada espiritualmente com Deus através do perdão. É importante que se diga que nem sempre que alguém adocece, a causa seja um pecado específico. Shedd (2010) observa o caso de Jó, o qual foi testado, não por causa de algum erro ou pecado. Um episódio envolvendo enfermidade pode incluir outras causas e não necessariamente a presença de pecado.

Além da cura física e espiritual, há uma terceira implicação da unção com óleo. Essa implicação estaria relacionada mais às questões de curas emocionais. A palavra “doente”, utilizada por Tiago, também pode ser traduzida por cansaço mental (UNGER, 2002). Esse conceito é de extrema importância diante das adversidades emocionais tão constantes no século 21.

Diante da abrangência de efeitos em termos de resultados, é importante entender que:

[...] a cura pela qual a igreja deve orar é mais abrangente do que a cura física. Tem que incluir cura emocional e espiritual, a remoção de ansiedades, cura de disfunções nos relacionamentos familiares e coisas tais. Pessoas que pedem pela cura de amigos cristãos devem ser encorajados a levantar diversos tipos de necessidades: remoção de recalcados sentimentos de culpa, cura de dores secretas, aceitação de limitações pessoais (HOEKEMA, 1997, pp.49-50).

Por fim, é importante que se diga que em caso de implicação de resposta negativa após a unção e oração, jamais se deve lançar a culpa sobre a pessoa aflita. No entendimento de Anthony Hoekema (1997) uma atitude como essa é algo cruel e um juízo sobre o coração do outro. Não se pode dizer por exemplo, que faltou fé ao Apóstolo Paulo quando orou ao Senhor pela cura de seus amigos e por si mesmo, afinal nem sempre Deus cura do modo com que se espera (KISTEMAKER, 2006). O cristão deve descansar na soberania de Deus.

É preciso entender que:

Nem sempre se pode dizer que é a incredulidade dos presbíteros ou do doente. Trata-se simplesmente do fato de que Deus não lhes concedeu a fé necessária para a obtenção da cura ali, de imediato, de acordo com os seus propósitos insondáveis (LOPES, 2006, p.177).

É importante frisar que a ênfase de Tiago recai sobre a oração. De modo que Hoekema (1997, p.44) argumenta que [...] o tema principal do trecho não é a eficácia da unção com óleo, mas a oração [...]. Simon Kistemaker (2006) segue nessa mesma linha de pensamento, ressaltando o poder da oração como promessa de cura. Muitas das curas no Novo Testamento correram apenas com a oração, sem a unção com óleo: “Ao entrar num povoado, dez leprosos dirigiram-se a ele. Ficaram a certa distância e gritaram em alta voz: Jesus, Mestre, tem piedade de nós! Ao vê-los, ele disse: Vão mostrar-se aos sacerdotes. Enquanto eles iam, foram purificados” (Lc 17.12-14).

No entendimento conciliar do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, “[...] Deus é soberano para atender ou não, aos pedidos nas orações, segundo a sua suprema vontade [...]”. (ATA, 2014, p.22). É importante então que tanto a pessoa enferma e também a comunidade do povo de Deus, saiba agir com amor e sabedoria diante do “não de Deus”. A experiência de Paulo pode servir como baliza: “Três vezes roguei ao Senhor que o tirasse de mim. Mas ele me disse: Minha graça é suficiente para você, pois o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. Portanto, eu me gloriarei ainda mais alegremente em minhas fraquezas, para que o poder de Cristo repouse em mim” (2 Co 12.8,9).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo abordou-se o assunto da unção com óleo como recomendado por Tiago em sua carta. O presente texto, propôs-se a responder à pergunta proposta como problema, sobre a validade ou não da contemporaneidade da unção com óleo. Juntamente relacionado a essa questão, abordou-se também outros temas, entre eles os ministrantes (oficiais) desse da unção, bem como os receptores, e por fim seus resultados em termos de resposta.

Através do estudo exegético e com base nas fontes bibliográficas, cumpriram-se os objetivos propostos. Como resposta à pergunta problema colocada na introdução, entendemos como adequada a oração juntamente com a prática da unção com óleo para igreja atual. Embora tenha sido negada pelos reformadores,

Lutero e Calvino, é atestada, porém em diversos biblistas da atualidade. As decisões conciliares de Igrejas históricas, entre elas a Convenção Batista Paranaense e o Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, tem caminhado também nessa direção.

Como visto anteriormente neste trabalho, alguns grupos têm utilizando a unção com óleo de modo contrário ao ensino recomendado pelo Apóstolo Tiago. O que as igrejas poderiam fazer diante de situações de abuso? A solução para esses desvios não seria o abandono da prática. Muitos podem tomar essa atitude, porém a melhor ação diante disso, configura-se em um retorno ao ensino bíblico.

Portanto, entende-se que a unção dos enfermos aliada juntamente com oração continua sendo uma eventual necessidade pastoral. Com base no texto bíblico, em autores citados, e nos concílios de Igrejas Batistas e Presbiterianas, entendeu-se que a unção com óleo deve ou pode ser ministrada pelos oficiais da igreja, ou seja, os presbíteros (pastores) da comunidade local. Inferiu-se também que seus receptores são pessoas enfermas e não objetos ou roupas. Por fim, concluiu-se que os resultados da unção com óleo abrangem a cura física, espiritual e emocional.

Essa temática faz parte da experiência pessoal na vida de muitos nas comunidades locais. Isso ocorre devido as fragilidades da vida humana diante das calamidades oriundas de enfermidades. Seria então de grande valia futuras pesquisas que abordam mais a fundo as questões relacionadas aos resultados da unção dos enfermos: cura física, cura espiritual e cura emocional.

A comunidade cristã tem essa vocação terapêutica através da oração mútua: “Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus” (Fl 4.6). Tudo, porém de acordo com as orientações bíblicas, sempre levando em consideração a vontade suprema e soberana de Deus.

REFERÊNCIAS

ATA do Supremo concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil. Disponível em: <http://www.executibaipb.org.br>. Acesso em 03 de agosto de 2015.

CALVINO, João. **Série comentários bíblicos: Epístolas Gerais**. São José dos Campos: Fiel, 2015.

GALVIN, John; FIORENZA, Francis. **Teologia Sistemática: Perspectivas Católicas-romanas**. São Paulo: Paulus, 2007.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.

HOEKEMA, Anthony. **Salvos pela Graça. A doutrina bíblica da salvação**. São Paulo: Cultura Cristã, 1997.

KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento: Tiago**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Série Interpretando o Novo Testamento: Tiago**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas. Volume 2**. São Leopoldo: Concordia, 1988.

MANUAL de identidade Batista. Curitiba: Convenção Batista Paranaense, 2013.

MOO, Douglas J. **Tiago: Introdução e Comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2011.

SHEDD, Russel Philip. **Uma Exposição em Tiago**. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.

SCHÖKEL, Luiz Alonso. **Bíblia do Peregrino**. São Paulo: Paulus, 2002.

UNGER, Merrill F. **Dicionário Vine: O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

YOUNGBLOOD, Ronald. F. **Dicionário Ilustrado da Bíblia**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2004.